

# OS DESAFIOS ENFRENTADOS NA APLICAÇÃO DE DINÂMICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO MÉDIO NOTURNO DO COLÉGIO ESTADUAL FÉLIX DA CUNHA

Alessandra Nielsen Bataioli<sup>1</sup>  
Marina Antunes Rodrigues<sup>2</sup>  
Francisco dos Santos Kieling<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente relato de experiência tem como objetivo expor e analisar as atividades realizadas pelas alunas de Licenciatura em Ciências Sociais, participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) com a turma de primeiro ano do Ensino Médio Noturno do Colégio Estadual Félix da Cunha, na cidade de Pelotas - RS, e os desafios na relação dos alunos com a instituição escolar e suas figuras de autoridade. O trabalho trata das dificuldades enfrentadas na aplicação de atividades pedagógicas construídas a partir de reuniões em grupo do PIBID, devido ao comportamento da turma, relacionado às práticas de ensino e ao ambiente escolar. Outrossim, o relato possui o intuito de compreender o contexto escolar em que os estudantes do Félix da Cunha se inserem, analisar o comportamento dos alunos como resposta à autoridade escolar e a forma como a instituição gerencia as dificuldades pedagógicas dentro da escola. A partir das inserções no contexto escolar, recorreremos à pesquisa-ação para examinar as observações e intervenções pedagógicas realizadas em sala de aula, utilizando reuniões pedagógicas para avaliar, planejar e refletir sobre as ações elaboradas por meio do PIBID. Para a análise, emprega-se o estudo etnográfico do sociólogo Paul Willis “Aprendendo a Ser Trabalhador” como referencial teórico, para auxiliar na compreensão dos alunos em relação à instituição escolar, os fatores atribuídos ao papel da escola em suas vidas e ao conhecimento escolar, além de analisar a forma em que a escola pode vir a reforçar a resistência mostrada por esses estudantes com o processo de ensino, a partir do conceito de cultura contra-escolar, trabalhado pelo autor e observado como forma de resistência no cotidiano dos estudantes do Félix da Cunha.

**Palavras-chave:** Comportamento, Resistência, Autoridade, Instituição Escolar, Cultura Contra-escolar.

## INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) atua como ferramenta de “ensaio” da prática pedagógica para alunos da licenciatura, possibilitando a

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, [alessandranbataioli@gmail.com](mailto:alessandranbataioli@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL, [antunesmarina415@gmail.com](mailto:antunesmarina415@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutor pelo Curso de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, [franciscokielsing@gmail.com](mailto:franciscokielsing@gmail.com);



compreensão da rotina da educação básica na posição mais próxima de profissional docente. Esse relato se dá a partir das experiências de duas alunas bolsistas do grupo do PIBID de Ciências Sociais, no Colégio Estadual Félix da Cunha, na cidade de Pelotas/RS, na turma de primeiro ano do Ensino Médio noturno, na disciplina de Sociologia.

O trabalho relata algumas inserções do grupo do PIBID na turma de primeiro ano e analisa a relação dos alunos com o processo de aprendizagem e com a instituição escolar e figuras a ela relacionadas. Além disso, o relato tem o intuito de analisar o contexto dos alunos da escola no que diz respeito às dificuldades de aplicação das atividades pedagógicas pelas alunas da graduação e objetiva a compreensão do que antecede o comportamento dos alunos em sala de aula e a análise desse comportamento como uma resposta à autoridade imposta pela instituição escolar. Desse modo, o trabalho abrange a forma como a escola lida com as dificuldades pedagógicas dentro do ambiente escolar.

O cenário encontrado na turma nos fez buscar referências que permitissem compreender adequadamente o que estava acontecendo em sala de aula. O estudo de Paul Willis, “Aprendendo a ser trabalhador”, serviu como referência para nosso entendimento de que estávamos observando comportamentos ‘contra-culturais’ em relação à escola. Muitos dos jovens com quem buscamos aproximação para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, resistiam a qualquer formato conhecido de ação docente. Colaborava para a construção desse quadro, o contexto de origem desses jovens e a relação tensa com as figuras de autoridade escolar, elemento típico de reprodução cultural e social conforme Willis.

A partir do relato das atividades realizadas na escola no ano de 2025, refletimos sobre o significado do processo de aprendizagem para os alunos. E, em busca de ampliar nossa compreensão sobre a resistência, conversamos com representantes da instituição a respeito da resistência desses jovens. Os conceitos sociológicos contribuíram para entendermos melhor como a resistência dos alunos e o comportamento diretivo, de um lado, e licencioso, de outro, alimentam a contra-cultura escolar dos alunos. Dessa forma, foi possível assimilar, para além da sala de aula, a maneira em que se dão os desafios impostos no processo de ensino e aprendizagem, viabilizando o questionamento acerca dos métodos adotados pela instituição em circunstâncias de contraposição pedagógica.

## **METODOLOGIA**

O trabalho pedagógico aqui analisado foi realizado seguindo alguns princípios freireanos, sistematizados na Pedagogia da Autonomia (FREIRE, 1997). Em especial a noção de que a docência exige pesquisa por parte dos professores, como forma de reconhecimento



dos sujeitos com quem se desenvolve a prática pedagógica. Esse tipo de pesquisa educacional foi sistematizada por Carlos Rodrigues Brandão como Pesquisa Participante (BRANDÃO, 2006) sendo um trabalho de construção do conhecimento que articula pesquisadores e sujeitos da pesquisa como participantes do processo de construção do conhecimento. No caso aqui exposto, isso foi feito tendo como objetivo central reconhecer a importância de cada um dos estudantes a partir do momento que identificamos uma desmobilização completa da turma para o processo educacional.

Repensamos e reformulamos o planejamento do trabalho pedagógico quando diagnosticamos uma resistência às práticas formais de ensino que projetamos para a turma. Para isso, foi fundamental, estarmos atentas às manifestações verbais e não verbais de um grupo de estudantes envolvidos no processo pedagógico. Utilizando o princípio do respeito aos saberes e interesse do sujeito do conhecimento como fundamental para o desenvolvimento do trabalho pedagógico, paramos para escutá-los e efetivamente dialogar.

O processo que se desdobrou a partir das ações do grupo junto a turma é aqui relatado a partir do relatório das atividades realizadas no Colégio Estadual Félix da Cunha. Descrevemos as dinâmicas propostas, o andamento das aulas e a resposta dos alunos à elas, organizado em ordem cronológica, com o nome e a descrição de cada dinâmica. A partir disso, foi feita uma seleção de atividades específicas, realizando a análise do relatório partindo de reflexões propostas nas reuniões do Programa Institucional de Iniciação à Docência e relacionando os aspectos destacados à obra de Paul Willis, que discute a atuação da instituição escolar com alunos que demonstram resistência com o processo de aprendizagem e a resistência como forma de resposta à autoridade institucional.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A partir das observações realizadas no primeiro ano do Ensino Médio Noturno do Colégio Estadual Félix da Cunha, é possível refletir sobre os acontecimentos na turma sob a ótica do sociólogo e etnólogo Paul Willis, na obra “Aprendendo a Ser Trabalhador”. Nela, Willis relata um estudo etnográfico que realizou em uma escola, nomeada de forma fictícia como “Hammertown Boys”, na Grã Bretanha. O estudo tinha como enfoque 12 meninos da classe operária, que possuíam como uma das características principais a rejeição ativa da instituição escolar e da autoridade. O etnólogo aborda um conjunto de aspectos desse grupo que se refere como “rapazes” que fazem parte da oposição escolar, indicando-os como parte de uma cultura própria: a cultura contra-escolar.



Na obra, a cultura contra-escolar é conceituada como uma cultura de oposição à cultura formal, caracterizada pela imposição de regras, hierarquias e disciplina. Dessa forma, a escola seria pertencente à cultura formal, que representa um símbolo de autoridade e opressão. No decorrer das observações de Willis, ele identifica os principais traços que constituem essa cultura: oposição à autoridade, rejeição ao conformismo, recusa à disciplina, autogoverno (fazer somente o mínimo), presença física marcante em sala de aula e provocações constantes. Paul Willis exemplifica o termo no decorrer do texto: “*A cultura contra-escolar é a zona do informal. É onde as exigências invasivas do formal são negadas - mesmo que ao preço de ter que expressar essa oposição por meio de um estilo, de micro-interações e de discursos não-públicos [...]*”.

Além disso, o autor também fala da maneira que a instituição escolar se relaciona com esses alunos e os veem. Ele menciona que a escola tende a interpretar o comportamento dos “rapazes” a partir de categorias morais, associando a resistência dos alunos e a contraposição às regras escolares como sinônimos de imaturidade ou algum tipo de incapacidade intelectual, frequentemente desconsiderando o contexto de classe em que se inserem e os significados culturais que os comportamentos assumem para os próprios estudantes. Dessa forma, a escola passa a tratar os alunos como “problemáticos”, de maneira que a oposição é tida como simples desvio de caráter ou traço individual de personalidade, não como uma resposta à autoridade da instituição escolar.

Não devemos subestimar as hostilidades que se podem desenvolver na situação escolar pós-diferenciada. Só porque examinamos a “riqueza” da resposta cultural dos “rapazes” não devemos esquecer o que provoca aquela resposta. Quando o conhecimento se torna desvalorizado ou inútil, a autoridade, privada de suas justificativas educacionais, pode aparecer sob uma forma muito crua e nua. É por isto que ela recebe oposição. O paradigma do ensino é visto cada vez mais sob sua forma coercitiva. A experiência total da escola é algo do qual os “rapazes” desejam definitivamente escapar. (Willis, 1991, p. 102)

O autor também discute acerca da maneira que o grupo de “rapazes”, que fazem parte da cultura contra-escolar, enxerga a escola e a autoridade que ela possui. Em uma entrevista com um deles, relata que a instituição escolar não contribui com nada para a sua vida, não causando efeito significativo entre eles, pois o ambiente escolar é um espaço desagradável na maior parcela do tempo e os professores não determinam a forma que eles são ou vivem a vida. No decorrer da obra, é possível observar a maneira que o grupo enxerga a função escolar: desconfiam da utilidade da escola e acreditam que ela não os prepara para o “mundo real”, duvidando da maturidade da instituição.



O argumento das reproduções de classe se encaixa de forma satisfatória para explicarmos sobre a reprodução social, observada na turma de primeiro ano noturno do Colégio Félix da Cunha:

Num sentido mais geral, não se pode presumir que as formas culturais são *determinadas* de alguma forma, como um reflexo automático, por determinações macro, tais como localização de classe, região e nível educacional. Certamente essas variáveis são importantes e não podem ser deixadas de lado, mas *de que* forma elas influenciam o comportamento, a fala e a atitude? Precisamos entender como as estruturas se tornam fontes de significado e determinantes do comportamento no *milieu* cultural, *a seu próprio nível*. (WILLIS, 1991, p. 209-210)

Embora não seja objeto deste relato aprofundar histórias individuais, é inevitável ignorar o contexto de vulnerabilidade social revelado por falas dos alunos em sala de aula. Relatos sobre violência doméstica e, em um dos episódios, sobre feminicídio no núcleo familiar, desestruturação do lar, dificuldades financeiras e limites frágeis nas funções domésticas, emergiram espontaneamente e nos auxiliaram na compreensão, ainda que de forma parcial, das camadas de revolta e descrença que os estudantes carregam consigo. Dessa forma, observamos um ciclo de ação e resposta: a reprodução cultural e social de forma bruta.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Relato de Experiência 1 — Sentidos atribuídos à escola e ao processo de aprendizagem:

As observações realizadas com a turma do primeiro ano do Ensino Médio Noturno indicaram que os estudantes atribuíam sentidos distintos à escola e ao processo de ensino/aprendizagem. Em diversos momentos eram nítidos os objetivos, papéis e contextos múltiplos que eles viam na instituição escolar e no ensino.

Pelo que foi possível visualizar diante da turma, eram poucos alunos que viam a escola como um meio para um fim. Era nítido que uma parcela considerável deles estava presente por obrigação. A partir dos relatos dos estudantes, notou-se que a posição de vulnerabilidade econômica de uma parcela significativa dos alunos era um pretexto para o tipo de relação que mantinham com a instituição escolar. Para alguns, a frequência e a realização das atividades avaliativas propostas era verbalizada pela manutenção dos requisitos obrigatórios provenientes da oferta dos benefícios sociais, como o programa Pé de Meia ou Bolsa Família. Vale ressaltar que a própria direção da escola e parte do corpo docente, cientes de que diversas atividades eram realizadas pelos alunos somente como forma de recuperar a frequência, utilizavam da justificativa de que eles estavam na escola apenas pelos benefícios para explicar a desistência advinda da instituição.



Em uma das primeiras dinâmicas propostas pelo grupo do PIBID aos alunos do primeiro ano, no dia 14 de abril de 2025, foi proposta a realização de uma atividade que consistia em três momentos: primeiro, os alunos deveriam fotografar um ambiente da escola, de sua escolha, que possuísse algum tipo de significado pessoal; em seguida, a partir da descrição escrita da foto para a Inteligência Artificial, a IA gerava uma nova imagem; por fim, compararam as duas imagens para, então, refletir acerca das diferenças. Inicialmente, eles não sabiam por onde começar, mas logo se espalharam pela escola a fim de realizar a atividade. Durante a apresentação de suas fotos, foi questionado o motivo para a escolha do ambiente que foi registrado e, diversos alunos que haviam fotografado o portão justificaram que era a parte mais significativa da instituição, pois simbolizava o melhor momento da noite: ir embora da escola.

Eram poucos os alunos que demonstravam interesse em compreender o que era proposto em sala de aula e, menos ainda os que mencionaram que gostariam de continuar estudando após o Ensino Médio. Na atividade em que foi confeccionado o cartaz, com a proposta do recorte de coisas que eles almejam para a vida deles, foi possível perceber que eles também possuíam sonhos e objetivos, mas os alunos que demonstraram resistência à instituição, também pareciam resistir ao processo educacional como um todo, não visualizando o ensino superior como um passo para seus objetivos.

#### Relato de Experiência 2 — Resistência às atividades pedagógicas propostas:

Durante a realização das atividades propostas pelas alunas do PIBID, com a turma 105 do Ensino Médio noturno do Colégio Estadual Félix da Cunha, foram observadas diferentes reações por parte dos estudantes: em repetidas ocasiões, as atividades pedagógicas foram recebidas com desinteresse e resistência, traduzidos em comportamentos como o uso do celular em sala de aula, recusa à realização das atividades e afronta à autoridade.

Na atividade do dia 07 de julho de 2025, a proposta era apresentar os conceitos de Estado e o surgimento dos Direitos Humanos. Em determinado momento da explicação, fazíamos perguntas para mobilizar os alunos sobre o tema. Enquanto isso, uma aluna ao fundo da sala, ao lado do seu namorado, assistia à vídeos no celular com volume alto, acontecimento que persistiu durante um período de tempo significativo.

Em outra atividade, realizada no dia 21 de julho de 2025, que consistia na revisão do conceito de “Estado” abordado na aula anterior, a proposta era a realização de um glossário, em que os alunos deveriam escrever palavras que remetesse ao tema, justificá-las e posteriormente definir, em suas próprias palavras, o que é o Estado. Nessa dinâmica, o casal



de alunos sentado ao fundo da sala de aula se recusou a fazer a atividade, que possuía teor avaliativo, utilizando o argumento “Não precisamos fazer as atividades, no final do ano nós recuperamos a nota”. Outro estudante, mesmo quando nos aproximávamos para oferecer auxílio, permanecia utilizando o celular durante grande parte do tempo.

Em uma das últimas atividades realizadas com os alunos, no dia 10 de novembro de 2025, a proposta era a montagem de um cartaz com recortes de revistas que representassem o que os alunos almejam para suas vidas. Um dos alunos novos não fez a atividade nessa primeira etapa dizendo que traria suas próprias imagens de casa, enquanto o casal que sentava ao fundo relutou em participar, relatando falta de vontade para fazer. Após muita insistência de uma de nós, eles solicitaram que levássemos imagens impressas para eles, mas um dos pedidos nos chamou a atenção: a imagem de uma arma.

Relato de Experiência 3 — As figuras de autoridade escolar e a relação com os alunos:

No que diz respeito à relação dos alunos com os professores da escola, em sala de aula, o comportamento não parecia apresentar grandes mudanças. De acordo com o professor supervisor da disciplina de Sociologia na escola, outros professores também se queixavam da falta de interesse dos alunos e de comportamentos relacionados ao “desafio” à autoridade. Além disso, segundo relatos do professor, muitos docentes já haviam desistido dos estudantes do primeiro ano noturno.

Ademais, havia uma aluna da turma com laudo que indicava a presença de Transtorno do Espectro Autista, que apresentava dificuldades relacionadas ao processo de alfabetização. Diversos momentos em que chegamos na escola, ela se encontrava auxiliando na cozinha em horário de aula e, várias vezes, não comparecia às nossas dinâmicas devido a isso. De acordo com o professor, as cozinheiras já haviam sido orientadas a não permitir a presença de alunos no ambiente da cozinha, mas ela continuava faltando às aulas e se direcionando para lá.

O relato de desistência da turma de primeiro ano noturno, por parte dos professores de outras disciplinas, não parecia ter origem somente neles. Na tentativa de recuperar alunos infrequentes da turma, marcamos uma conversa com a vice-diretora do período noturno, e o aviso deixado por ela não se fez diferente: a turma não tinha mais solução, eles são daquela forma mesmo e deixou implícito que quaisquer esforços seriam um desperdício de tempo, pois as coisas aconteciam daquela maneira. A entonação de seus argumentos se mostrava como uma justificativa para os passos dados até o momento, além de sugerir que novas tentativas já não seriam úteis naquele ponto. A fala da vice-diretora não expressava apenas cansaço, revelava que a própria instituição já não acreditava na eficácia do processo



educacional junto aquela turma. A autoridade escolar, ali, já não se mostrava alicerçada em nenhuma justificativa pedagógica, restando apenas a resignação fatalista.

No que tange aos alunos, pelo que foi possível observar no tempo em que atuamos na escola, muitos dificultavam ou não permitiam a criação de vínculos entre nós e eles. Isso se mostrou através da resistência, do desinteresse, da recusa em falar e participar durante as atividades e da “revolta” demonstrada em aula. Foram poucos os episódios em que houve brechas para acessarmos os alunos como alunos, e muito mais raro para compreendermos eles fora desse papel.

Das diversas tentativas que fizemos de aproximação, em algumas obtivemos resultados positivos, mas nossas dinâmicas pareciam ter se demonstrado apenas como uma fatia extremamente pequena da experiência dos alunos em sala de aula. Quarenta minutos por semana não pareciam suficientes para atravessar o escudo de resistência imposto por esses estudantes, pois apesar de revelarem um pouco mais de confiança em alguns episódios, não havia garantia de que ela se manteria para além das nossas segundas-feiras.

#### Análise das Dinâmicas Observadas:

Com base nos pontos destacados do estudo etnográfico de Paul Willis, é possível analisar e relacionar alguns comportamentos dos alunos do Colégio Estadual Félix da Cunha e as associações com a instituição escolar, estabelecendo relações com os relatos de Willis sobre a Escola de Hammertown Boys. De certo modo, os estudantes do primeiro ano do Félix da Cunha que se mostraram resistentes ao processo de ensino, apresentaram determinados comportamentos similares à cultura contra-escolar explicitada pelo autor: oposição à autoridade, aos ensinamentos e dinâmicas trabalhados em sala de aula, realização de atividades somente quando conveniente e a visão do ambiente escolar como um instrumento sem utilidade.

A análise desses comportamentos não deve ser feita de forma isolada, mas sim como consequência dos contextos em que os alunos se inserem, e uma resposta à autoridade da escola. A desistência, por parte da instituição escolar, demonstrada principalmente através da rotulação dos estudantes do primeiro ano como “problemáticos” pela escola e parte do corpo docente, a despreocupação em incluí-los em atividades propostas para alunos de outros turnos e a desorganização de horários de disciplinas como consequência da “renúncia” por parte da instituição com eles, servem como uma forma de validação da resistência: a escola se isenta da tentativa de educar e, ao mesmo tempo, confirma aos estudantes que ali não existe conhecimento que valha a pena.



Dessa maneira, podemos analisar brevemente essas reproduções assim como Paul Willis faz: comportamentos alimentados por reproduções de classe. No contexto do Félix da Cunha, os alunos que demonstraram comportamentos de resistência se caracterizam por fazer parte de um grupo social marcado por dificuldades familiares e vulnerabilidades sociais, que se manifestaram nos comportamentos em sala de aula.

Ainda sob a ótica do autor, ele também trabalha a reprodução de classe a partir da análise da reprodução cultural.

Evidentemente, como menciona Willis, a reprodução cultural e social, observada em sala de aula, não ocorre de forma mecânica ou inevitável. O que observamos, no entanto, é um contexto que favorece sua repetição cotidiana, ainda que haja espaço para rupturas. Entretanto, é possível perceber que o nível cultural é um fator de grande importância para explicar, em alguma medida, essas reproduções que atingem para além do espaço escolar. O meio em que esses alunos vivem e as respostas dadas (ou a falta delas) para suas atitudes pela instituição escolar, formam um terreno fértil para a cultura contra-escolar, caracterizada pela oposição as autoridades, representadas por gestores e professores, também como a resistência ao ensino e à realização de atividades propostas em sala de aula, assim, eles acabam involuntariamente limitando possibilidades e criando impedimentos para objetivos que desejam alcançar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do relato das atividades realizadas através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência no primeiro ano do Ensino Médio Noturno do Colégio Estadual Félix da Cunha, foi possível refletir sobre diversos pontos no que diz respeito aos desafios enfrentados na educação básica, o entendimento dos alunos como indivíduos para além da sala de aula e a maneira em que a instituição escolar, incluindo gestores e professores, podem afetar na visão dos alunos sobre a função e a importância do processo educacional.

Compreender os desafios enfrentados na relação dos alunos com a instituição escolar, expor as dificuldades pedagógicas enfrentadas na aplicação das dinâmicas do PIBID em sala de aula, analisar o comportamento e o contexto escolar e social que os alunos do primeiro ano noturno se inserem, sob a ótica do etnólogo Paul Willis, são alguns dos objetivos trabalhados no relato de experiência que permitiram a reflexão do papel da escola nas vidas dos alunos do Félix da Cunha e a forma como eles julgam o conhecimento escolar.

Dessa forma, através da reflexão da prática pedagógica por um ponto de vista sociológico, tornou-se possível problematizar acerca da função da instituição escolar e a



importância que ela possui no desenvolvimento e na formação dos alunos. Assim, pôde-se também compreender o impacto que os professores exercem no cotidiano, para além da sala de aula, nos estudantes.

Portanto, a partir do que foi mencionado anteriormente, apesar da reprodução social e cultural não fazerem parte de um ciclo automático e inevitável, cabe ao educador e à instituição escolar identificar e compreender o contexto social em que os alunos se inserem e a importância do impacto da escola na vida dos estudantes. Assim, tornando possível distanciar-se da repetição exaustiva do ciclo de reprodução de violências vivenciadas no cotidiano dos alunos, traduzidas regularmente em formas de resistência ao processo de ensino dentro do espaço educacional.

O relato das inserções do PIBID no Colégio Estadual Félix da Cunha possibilitou compreender a importância da função de persistência do educador no processo de ensino. As dificuldades enfrentadas dentro do ambiente escolar, apesar de suas complexidades, não devem permitir à escola e aos educadores que se desvinculem do papel de construção do processo educativo como um todo — processo marcado para além da relação unilateral professor-aluno em sala de aula, trata-se do entendimento dos estudantes como indivíduos que possuem suas limitações, vivências e sentimentos, e que talvez podem vir a não compreender a importância do papel educacional em suas vidas. Cabe a nós, educadoras em formação, intervir para que não haja a desistência de nenhum dos lados: o abandono institucional e a renúncia dos alunos ao processo de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Repensando a pesquisa participante**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

WILLIS, Paul. **Aprendendo a Ser Trabalhador: Escola, Resistência e Reprodução Social**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1991.

